
A PERCEPÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA E ABUSO CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS: O CASO EM BARRA MANSA¹

Luma Lane Alexandre dos Santos Rodrigues²

Agatha Bogarim Ferreira³

Richard Teixeira dos Santos⁴

Marlene Fernandes⁵

UBM – Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, RJ

RESUMO

A presente pesquisa busca explicar o contexto da violência e do abuso contra crianças e adolescentes nas redes sociais no município de Barra Mansa. Para tanto, este estudo conta com análises críticas sobre os tipos de violência, a fim de demonstrar o impacto da agressão simbólica na população infanto-juvenil da cidade. Dessa forma, a abordagem remonta a visão da sociedade sobre o problema do ambiente virtual e as leis de proteção contra crianças e adolescentes, de forma que a discussão ocorra de forma multi e interdisciplinar. Por meio do estudo de caso, a intenção é mostrar se os órgãos públicos agem para minimizar a problemática. A fundamentação teórica se estrutura a partir de concepções de autores como Pierre Bourdieu e Miriam Abramovay, além do apoio de outros e diversos artigos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Redes sociais; Crianças; Escolas; Adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca analisar a percepção da violência e o abuso contra crianças e adolescentes nas redes sociais no município de Barra Mansa, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. De acordo com levantamento realizado em 2020 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o ambiente virtual é o quinto local em que há mais denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes (SESTREM, 2020). As queixas abordam a má utilização da internet.

Nesse sentido, pretende-se investigar as causas da violência no ambiente virtual do ponto de vista social, para compreender o sistema e a história que originam as

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do UBM, email: lumalanerodrigues@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do UBM, email: agathabogarim@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do UBM, email: richard_13_vn@hotmail.com

⁵ Mestre em Comunicação e Cultura. Professora do Curso de Jornalismo no UBM, email: marle_fernandes@uol.com.br

agressões simbólicas entre o público infanto-juvenil. Ademais, a discussão aborda a legislação voltada para a segurança digital infantil, apresentando propostas para que ela se torne eficaz.

O tema escolhido é relevante sob perspectiva acadêmica por tratar de uma questão pertinente ao jornalismo multiplataforma, cuja abrangência é maior devido ao alcance da rede mundial de computadores, bem como do ponto de vista profissional, por orientar o posicionamento do jornalista sobre a responsabilidade do conteúdo voltado à audiência infanto-juvenil.

Para a realização deste artigo, a escolha inicial feita no campo da metodologia compreende a importância da pesquisa do tipo qualitativa. O trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica através da leitura de artigos científicos sobre a violência e o abuso contra crianças e adolescentes nas redes sociais e da pesquisa de campo realizada com duas fontes do campo educacional em Barra Mansa. Realizou-se a leitura e análise de bibliografia, com foco na violência sofrida pelo público infantil nas redes sociais e a pesquisa de campo, com vistas ao aprofundamento dos dados coletados em entrevistas semiabertas. Objetiva-se explicar as variáveis de causa da violência no ambiente virtual, no que tange ao município pesquisado. A fase foi desenvolvida mediante o cruzamento de dados da bibliografia com as respostas apuradas na entrevista e no estudo de caso.

2. SOBRE A VIOLÊNCIA

2.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

Segundo o Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1988), o termo violência, do latim *violentia*, significa usar da agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico.

No campo acadêmico, a definição do termo violência é controversa. São inúmeros os pensadores que em seus estudos tentaram conceituar, explicar o seu surgimento e compreender a sua manifestação. Várias são as concepções ou construtos.

De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde - OMS, a violência é caracterizada pelo uso intencional da potência física ou do poder, em ameaça

ou na prática, que cause ou tenha possibilidade de causar lesão, prejuízo psicológico, morte, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002). A ação pode ser autodirigida, quando praticada contra si próprio; interpessoal, se agride outra pessoa, sendo este familiar, parceiro ou membro de comunidade; ou coletiva, quando atinge um grupo social.

No que tange à intencionalidade, a Organização das Nações Unidas-ONU pondera que a intenção de usar força não deve ser confundida com o intuito de causar dano, uma vez que o teor intencional se refere ao ato em si, independentemente de seus resultados, enquanto as expressões “o uso de força física” ou “poder” incluem negligência e todos os tipos de ações abusivas (físicas, sexuais ou psicológicas). Outro fator importante diz respeito às crenças culturais, que interferem na percepção dos atos como violentos ou não, ainda que haja lesão.

Em relação às teorias que recusam determinismos essencialistas, pode-se perceber, nas análises, não só a constatação de uma multiplicidade de formas assumidas pela violência, como também das diferenças entre períodos históricos e culturas no que tange à compreensão sobre o tema. Tal fato, para Abramovay (2005, p. 47), significa dizer que a violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Portanto, enquanto categoria, nomeia práticas que se inscrevem entre as diferentes formas de sociabilidade em um dado contexto sociocultural e, por isso, está sujeita a deslocamentos de sentidos.

Por fim, pode-se afirmar que poucos temas têm merecido tanta atenção hoje como o da violência. Contemporaneamente, autores importantes como Hall (2006) e Bauman (2003), que poderíamos colocar entre os que se incluem no rol de pensadores pós-modernos, devem ser visitados por este estudo. Assinalam eles que uma das grandes questões da contemporaneidade é a insegurança, a impotência, o medo de que os mais diversos tipos de violência nos atinjam, quer em nossa vida em coletividade, quer na vida privada, quando individualidades são desestabilizadas.

2.2 SOBRE OS TIPOS DE VIOLÊNCIA

Devido ao elevado número de vítimas que acarreta e à amplitude de sequelas que produz, a violência conceitua-se como grave problema de saúde pública no século XXI.

Desse modo, torna-se imprescindível compreender a definição dos tipos de violência que mais ocorrem.

Para entender a violência, precisa-se compreender o “habitus” (BOURDIEU, 1998 apud NOGUEIRA, 2009, p.27) do indivíduo e da comunidade a que ele compõe. Cada sociedade entende violência segundo seus próprios critérios. Charlot (1997 apud ABRAMOVAY & RUA, 2002, p. 69) divide violência em três: violência, incivildades e violência simbólica ou institucional. Em que o primeiro se enquadra qualificado pelo código penal; o segundo é definido pelos atores sociais e está ligada a falta de civilização por parte do agressor e por fim o terceiro que pode ser ou não o resultado dos dois primeiros, é compreendido como um sentimento de violência que é interiorizada pelos agentes externos, escola, família, igreja entre outros.

A fim de compreender os tipos de violências, precisamos estar cientes de alguns elementos característicos dos agentes, vítimas e agressores. Abramovay (2002) divide esses elementos em dois tipos: as variáveis exógenas são os aspectos externos ao sujeito e, principalmente, a escola bem como as questões de gênero, as relações raciais, as características sociais, a influência por meio de comunicação e o espaço social das escolas; já as variáveis endógenas, são os aspectos internos do sujeito e da própria escola, tais como a idade e o nível de escolaridade, o tipo de escola e como ela aplica punições e a prática educacional em geral. Nos estudos não se deve focar em apenas uma variável já que a violência não sofre interferência apenas interna ou externa.

Segundo Abramovay (2002) os tipos de violência que são mais ‘populares’ são as incivildades que geralmente são violências banalizadas, silenciadas e traumáticas como o racismo, sexismo, intimidações físicas e verbais, atos ilícitos, delitos a objetos e propriedades. É o tipo de violência que costuma manter a violência nos espaços sociais.

A temática perpassa os diversos elementos da sociedade, entre os quais a mídia se destaca. Os meios de comunicação, mediante a capacidade de formação de opinião, contribuem para a cultura de espetacularização da violência ao priorizarem a captação de audiência, sobretudo em crimes de comoção nacional.

3. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM BOURDIEU

Como exposto, violência é um conceito relativo, histórico e mutável tendo diferentes significados através dos anos, das culturas, das diversas sociedades e perpassa atos e práticas materiais.

Para entender a violência, precisa-se compreender o “*habitus*” (BOURDIEU, 1998 apud NOGUEIRA, 2009, p.27) do indivíduo e da comunidade a que ele compõe. Cada sociedade entende violência segundo seus próprios critérios.

Em relação ao ambiente escolar cujo contexto apresenta forte hierarquia e desigualdade entre grupos, a inserção de todas as famílias em uma só bolha social gera distorções e injustiças, segundo Bourdieu (apud REZENDE, 2020).

Quando a escola cobra de todos a familiaridade com a alta cultura que só uns poucos possuem, sem levar em conta as diferenças de origem social e suas implicações na socialização do conhecimento, ela reforça desigualdades preexistentes.

Bourdieu observou uma irregularidade entre as competências exigidas pela escola e as competências culturais das famílias formadoras da base da pirâmide social. De acordo com o pensador, as instituições não cumprem o papel de ofertar o acesso democrático ao ensino a partir do momento em que classifica como superior uma competência cultural característica de um pequeno grupo que detém o recurso cultural necessário para executá-la. O fato reitera as diferenças entre os grupos.

Bourdieu (1989, 1991) define a violência simbólica como resultado da imposição da ideologia através do discurso, a qual naturaliza as relações de poder. Para o autor, o poder simbólico presume a falta de reconhecimento da violência que é exercida através dele. Assim, a violência simbólica também é silenciosa, uma vez que as vítimas não se veem como vítimas nem identificam a violência como o problema que realmente é. Fala-se, portanto, da naturalização dos sentidos gerados pela dominação.

Esse contexto vai ao encontro da proposta deste trabalho. Uma proposta de discussão da violência de forma multi e interdisciplinar, que traga à luz os problemas da violência relacionada às escolas no município, com o propósito de identificação de causas e consequências, no sentido de construir um caminho que nos conduza à cultura da paz.

4. SOBRE AS REDES SOCIAIS

Segundo a sociologia de Manuel Castells (1999), a sociedade em rede é pensada como estrutura interativa para transmissão de informações e conhecimentos. Surge como uma noção crítica, com origem nos campos de debate social, de forma até então

não desenvolvida na pós-modernidade. Sua área de estudo não foca exclusivamente a Internet, nem as mídias digitais, mas sim a sociedade e em suas relações internas. Para o autor, antes de compreender o que seria a rede social em si, é preciso entender como funciona a comunidade em que essa rede está inserida.

Sobre as redes, Castells (apud MARTINS, 2018):

Uma rede é feita por um conjunto de nós, que são elementos que se comunicam entre si. Os nós podem ser qualquer coisa: em uma rede social, por exemplo, as pessoas seriam os nós. Os sites seriam um nó de vários nós e a Internet, conseqüentemente, uma rede de redes. Além disso, as fronteiras das redes são delimitadas pela conexão entre os nós e, como essas conexões podem ser criadas ou eliminadas a qualquer momento, a sua forma vive em constante mutação. As redes não se limitam por barreiras do plano ‘real’, como as fronteiras entre países ou estados”.

André Lemos (2008) aponta que as redes funcionam como diversas manifestações socioculturais na contemporaneidade. Nesse sentido, o que está em evidência são vozes que buscam o excesso de informação. Em outras palavras, a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação da *mass media*.

A liberação do pólo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede. Assim chats, weblogs, sites, listas, novas modalidades midiáticas, e-mails, comunidades virtuais, entre outras formas sociais podem ser compreendidas por essa segunda lei. (LEMOS, 2008, p. 20)

Segundo a perspectiva de Raquel Recuero (2009), as redes sociais são agrupamentos complexos, constituídas pela interação social e apoiadas em tecnologias digitais de comunicação.

A metáfora da rede é mobilizada pelos aspectos individuais, coletivos e tecnológicos dos agrupamentos humanos na internet. Esse instrumental revela padrões de conexão em cujas pontas estão as pessoas que utilizam os terminais de acesso, historicamente situada.

A partir do entendimento do termo como um conjunto de pontos interligados, compreende-se melhor os conceitos de Castells (2003) e Tomael, Alcará e Di Chiara (2005).

[...] redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós, ou atores, desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (linguagem, valores, informações) (CASTELLS, 2003).

[...] Com base em seu dinamismo, as redes, dentro do ambiente organizacional, funcionam como espaços para o compartilhamento de informação e do conhecimento (TOMAEL, ALCARA E DI CHIARA 2005, p. 94).

Segundo Herring (2001, p. 612), o discurso mediado pelo computador é definido como aquele em que a comunicação ocorre por meio da interação entre seres humanos através do envio de mensagens pelas redes de computadores. Os discursos tanto causam efeitos nos indivíduos quanto são impactados pelo uso que estes fazem das ferramentas de comunicação. Depreende-se, portanto, que analisar o discurso on-line é estudar a linguagem utilizada, seus sentidos nos diferentes públicos e seus comportamentos, por vezes agressivos, no ambiente virtual.

5. METODOLOGIA

Para a realização deste artigo, a escolha inicial feita no campo da metodologia compreende a importância da pesquisa do tipo qualitativa.

Vergara (2017) contribuiu com seus conhecimentos na organização da metodologia desta pesquisa mediante utilização da divisão no que tange aos tipos de pesquisa a serem aplicados em estudos científicos, tanto quanto aos fins quanto aos meios de investigação.

O trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica através de leitura de artigos científicos sobre a violência e o abuso contra crianças e adolescentes nas redes sociais e da pesquisa de campo realizada com três fontes do campo educacional em Barra Mansa. A metodologia de desenvolvimento deste trabalho foi dividida em três etapas.

Em primeiro plano, realizou-se a leitura e análise de bibliografia com foco na violência sofrida pelo público infantil nas redes sociais.

Em segundo plano, a pesquisa de campo ocorreu com vistas ao aprofundamento dos dados coletados em entrevistas semiabertas. Assim, pretende-se oferecer aos

informantes a possibilidade de discorrer sobre proteção à criança e adolescentes de Barra Mansa.

Em uma terceira etapa, o estudo de caso é feito com a intenção de explicar as variáveis de causa da violência no ambiente virtual, no que tange ao município pesquisado.

Por fim, a avaliação dos resultados obtidos visa a verificar a compatibilidade das falas. A fase será desenvolvida mediante o cruzamento de dados da bibliografia com as respostas apuradas na entrevista e no estudo de caso.

5.1 TIPOS DE PESQUISA

5.1.1 Tipos de pesquisa quanto aos fins:

Dessa forma, para a redação deste artigo na intenção de atingir seus fins, os seguintes métodos e as seguintes técnicas de pesquisas foram selecionadas: a pesquisa do tipo explicativa, elaborada para proporcionar uma visão geral sobre o tratamento da violência com crianças e adolescentes na mídia, e sua fundamentação teórica, na qual se buscou responder a origem do problema. A análise ocorreu de acordo com o que foi levantado no projeto de pesquisa que antecedeu a produção do estudo. Ademais, a pesquisa descritiva objetivou uma apresentação qualitativa, através de depoimentos, do fenômeno comunicacional a ser analisado.

5.1.2 Tipos de pesquisa quanto aos meios de investigação:

Na pesquisa bibliográfica, buscou-se a produção da estrutura teórica necessária por meio da leitura de publicações de artigos científicos, teses e dissertações.

A pesquisa de campo, na qual a entrevista em profundidade semiaberta foi utilizada como a técnica de coleta de dados para a elaboração do estudo de caso, se propôs a estudar o tema delimitado ao Sul do estado do Rio de Janeiro.

5.1.3 Universo e amostra:

Por ser uma pesquisa do tipo qualitativa, a coleta de dados se realizou, como citado anteriormente, através da entrevista em profundidade semiaberta com duas mulheres profissionais da assistência social de Barra Mansa. A amostragem deste

estudo constou de um número reduzido de depoimentos no objetivo de valorizar a vivência das entrevistadas.

6. ESTUDO DE CASO

6.1 SOBRE O PERFIL DAS ENTREVISTADAS

O estudo de caso analisou a percepção de duas profissionais que atuam em Barra Mansa acerca da realidade da violência contra crianças e adolescentes pela internet.

Nesse sentido, o espaço amostral do estudo qualitativo foi composto por uma psicóloga, denominada Entrevistada A, e uma pedagoga, denominada Entrevistada B, cujas características são apresentadas a seguir:

A primeira é pós-graduada em saúde mental e constelação familiar, com quatro anos de atuação no Centro Universitário de Barra Mansa (UBM). A segunda é pedagoga e professora, especializada em gestão escolar.

6.2 A REALIDADE GERAL DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Conforme apontou a Entrevistada A, várias características são observadas no que tange à agressão contra a população infantil. Discriminação, depreciação e desrespeito em relação a essa criança ou esse adolescente são comuns, mediante a ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, agressão verbal, xingamento, ridicularização, indiferença, exploração, intimidação (DEPOIMENTO oral, 2022). A Entrevistada B afirmou não ter vivência para responder a questão.

A primeira fonte relatou ainda que os casos em Barra Mansa são diários, uma vez que tais situações ocorrem em “todos os lugares e todas as crianças estão sujeitas a passar por isso” (DEPOIMENTO, 2022).

De fato, os maus tratos físicos se destacam no país. Segundo publicação de 2019, feita pela Associação de Saúde Coletiva (ABRASCO),

As violências e os acidentes são as maiores causas das mortes de crianças, adolescentes e jovens de 1 a 19 anos, no Brasil. Entre essas chamadas causas externas, as agressões são as que mais matam crianças e adolescentes, a partir dos 10 anos (...)A violência é ainda mais

letal contra o sexo masculino, os homicídios são a causa da metade dos óbitos de rapazes de 15 a 19 anos. E ao se fazer o recorte de raça da taxa de homicídios, verificamos o extermínio da juventude negra. Não à toa aparecemos como a quinta nação mais violenta do mundo, com taxa de homicídio maior do que a de países em guerra.

No entanto, ao segmentar a temática para a violência que se inicia na internet, a Entrevistada B declara que o número de registros no ambiente escolar é menor.

Com 13 anos trabalhando na área da educação, são poucos casos ocorridos dentro do ambiente escolar onde leciono ou já lecionei. Pois casos que acontecem em domicílios dificilmente a escola tem acesso. Quando chega até nós, é por percepção do professor que nota o aluno diferente ou sinaliza em registros (desenhos) durante as atividades. Logo sinalizamos os responsáveis e são convocados a aparecerem na escola para uma conversa formal para averiguar o que está acontecendo. (DEPOIMENTO via mensagem, 2022)

A Entrevistada A parte do princípio de que nem todos os casos são registrados, haja vista a vergonha da criança, do adolescente e dos pais (DEPOIMENTO via oral, 2022). A carência de dados sobre situações de cyberbullying sofridos pela população infanto-juvenil da cidade é relatada por ambas as fontes. Para a entrevistada B, os casos são recorrentes, apesar da pouca divulgação. A ABRASCO (2019) reitera que a escola é um fundamental e imprescindível fator de proteção às crianças.

6.3 CAUSAS DAS VIOLÊNCIAS COMETIDAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Em entrevista à Agência Brasil, a coordenadora do Grupo de Saúde Digital da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Evelyn Eisenstein, alerta para os perigos a longo prazo da exposição excessiva dos menores às redes sociais.

A criança e o adolescente não devem ter vida pública nas redes sociais. Não sabemos quem está do outro lado da tela. O conteúdo compartilhado publicamente, sem critérios de segurança e privacidade, pode ser distorcido e adulterado por predadores em crimes de violência e abusos nas redes internacionais de pedofilia ou pornografia, por exemplo. (EISENSTEIN, 2021)

Sob essa perspectiva, a Entrevistada A acredita que nem todas as redes sociais são exatamente para crianças e adolescentes, posto que esse público não tem “a maldade de que um adulto tem” (DEPOIMENTO via oral, 2022). Por outro lado, a Entrevista B

ênfatiza que a realidade é dessa forma pois “nã cabe só aos órgã os escolares administrarem essa situaçã o de violênc ia infantil”. Para ela, a escola faz seu papel de alertar e amparar o menor que chega com o relato.

A primeira fonte de entrevista expõe seu ponto de vista sobre o assunto de maneira a comparar a visã o de quem produz os conteú dos com a dos consumidores de víde os que envolvem o pú blico mais novo.

Você vê as dancinhas ai de TikTok, onde sensualiza muito. Ela foi feita para o adulto, ok! Só que hoje estã o sendo danç adas pelas crianç as. Entã o você vê aí crianç as de seis, sete anos sensualizando e ela ali nã o sabe o que estã o fazendo, é uma danç a. Só que para o adulto, ele sabe que aquilo é sensualizando, (..) é algo que estã o ali provocando. (...) eu acredito muito que quanto mais essa crianç a tiver acesso, serã o exposta por essa Internet, por essas redes. Você vê muito a questã o do Instagram, onde a crianç a vive dependendo do Instagram, ela posta foto toda hora, posta foto todo o tempo. Entã o ali a pessoa acompanha a vida dessa crianç a toda. É diferente de um adulto que tem uma noçã o do que ele vai postar, da forma que vai postar. A crianç a estã o ali. (...) serã o que uma pessoa do outro lado com uma maldade vai ver da mesma normalidade que eu vou ver? Eu acredito que nã o. (DEPOIMENTO via oral, 2022)

De acordo com a Entrevistada A, é preciso preservar, tomar conta, ter cuidado, observar o que essa crianç a tem acessado. Quanto mais os pais, os tutores estiverem do lado menor chance essa crianç a tem de um abuso ou de um caso de cyberbullying. (DEPOIMENTO via oral, 2022)

6.4 CAUSAS DAS VIOLÊNCIAS COMETIDAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS

A Entrevistada B afirma que, no contexto escolar, há dificuldade para se entender as motivaçõ es, já que a fiscalizaçã o das redes sociais nã o cabe à instituiçã o de ensino, haja vista o grande acesso à internet fora dos portõ es escolares (DEPOIMENTO via mensagem, 2022).

No que diz respeito à questã o sexual, a Entrevistada A acredita que uma das principais causas da violênc ia é contato direto, aliado à falta de apoio parental e à carênc ia de acompanhamento dos pais à rotina virtual dos filhos. De acordo com seu cotidiano de trabalho como psicóloga, é fundamental que acompanhamento das mídias

seja feito por um adulto consciente e racional, para distinguir atitudes certas e erradas à criança.

Em uma análise do panorama nacional, Marta Thomen Bastardas (2020) explica que o cyberbullying ocorre em um longo período de tempo com o uso das novas tecnologias.

(...) cabe destacar que as crianças e adolescentes se encontram em plena exploração de sua própria existência, buscando se encaixar nos diferentes grupos sociais e qualquer aspecto que não se encaixe ou seja diferentes de um deles, se converte em objeto de chacota. Por outro lado, as vítimas percebem que estão sendo assediadas por mera diversão do assediador e acabam se vendo como fracas ou inferiores. Uma causa irrefutável do incremento deste assédio, é o auge das redes sociais e sua facilidade de acesso, sem limitação de idade. Seu fácil acesso também produz uma dificuldade de controle por parte dos pais e professores das crianças, o que complica a detecção do cyberbullying, diferente do bullying ou assédio escolar, que pode ser detectado mais facilmente.

Para a Entrevistada B, o movimento de conscientização já começou, por meio da divulgação e da criação de campanhas e blogs contra a questão da violência infanto-juvenil em rede.

Na minha visão o movimento é válido e grande, porém não basta só isso para sanar tamanha crueldade que vem acontecendo no mundo de forma geral. É preciso mais vigilância de órgãos específicos para cada caso, mais abrigos, vistorias nas casas que abrigam esses jovens, profissionais capacitados para lidar com as situações que surgem. (DEPOIMENTO via mensagem, 2022)

6.5 ALGUNS INSTRUMENTOS DE COMBATE ÀS VIOLAÇÕES DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DE BARRA MANSA

Ambas as entrevistadas citam o Estatuto da Criança e do Adolescente como principal medida de amparo aos menores. Para a Entrevistada A, o Disque 100 é um dos três órgãos importantes no combate às agressões no município.

(...) ele é para denunciar violações dos direitos humanos para essa criança esse adolescente. É importante ressaltar que o Disque 100 é sigiloso. A pessoa pode ligar, não precisa se identificar. Ela precisa só fazer a denúncia que depois essa denúncia é apurada. (DEPOIMENTO via oral, 2022)

O Conselho Tutelar também é apontado pela primeira fonte por ser voltado às crianças e adolescentes, público-alvo do ECA. Outrossim, os Centros de Referência em Assistência Social são locais de apoio psicológico que são utilizados em casos de violência contra a população infanto-juvenil.

6.6 SOBRE A EFICÁCIA DAS MEDIDAS ADOTADAS PARA MINIMIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

As respostas sobre o subtema apresentaram dualidade, por conta das diferentes vivências das fontes. Segundo a Entrevistada B, a depender da medida tomada e estabelecidas pelos órgãos competentes, os problemas são sanados na maioria das vezes.

Por outro lado, a Entrevistada A relata que a questão é complexa, visto que a maior parte da violação contra os menores acontece dentro de casa.

Então eu acredito que o efeito maior, seria se essas crianças tivessem uma conscientização nas escolas, no dia a dia delas. Quais são os direitos que essas crianças têm? Porque às vezes esses direitos não são apresentados. Então é bem complexo falar essa questão do efeito. Porque eu acredito que hoje as autoridades elas fazem o que está dentro do alcance, né. Mas dentro da casa é bem complexo se está dentro do alcance dessa autoridade, a não ser que essa criança seja trabalhada, ela tenha um entendimento ao qual ela saiba dos direitos que ela tem. (DEPOIMENTO via oral, 2022)

CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou o entendimento acerca da percepção sobre a violência e o abuso contra crianças e adolescentes nas redes sociais, sobretudo no município de Barra Mansa. Com isso, pode-se depreender a necessidade da realização de um levantamento dos casos de cyberbullying ocorridos na cidade, a fim de categorizar as ocorrências e desenvolver medidas assertivas com vistas ao bem-estar da população menor.

Para compreender a realidade de maneira aprofundada, definiram-se dois objetivos específicos. Primeiramente, identificar quais as causas da violência contra o público infanto-juvenil nas redes sociais, o que demandou a aplicação de duas entrevistas semiabertas com uma psicóloga e uma professora da cidade. Notou-se a

dificuldade de as escolas tomarem conhecimento dos casos, assim como a carência de fiscalização familiar sobre o comportamento de crianças e adolescentes na internet.

Após, buscou-se compreender o segundo objetivo: se as medidas adotadas pelas autoridades competentes surtem efeito para a minimização do problema. No entanto, apesar da existência de dois órgãos públicos – Conselho Tutelar e CREAS – e um canal de denúncias – Disque 100, a falta de dados sobre violências físicas e simbólicas dificulta a análise consistente.

Em consonância com a revisão bibliográfica e o estudo de caso, percebe-se a necessidade de maior acompanhamento dos casos pelas autoridades competentes, assim como de divulgação de possíveis pesquisas existentes sobre o tema. Uma investigação em escolas municipais, mediante entrevistas sobre dados quantitativos e qualitativos com pais e responsáveis ampliaria a gama de informações acerca dos problemas vivenciados pelos municípios. Assim, tal medida demonstraria qual caminho deve ser traçado pelos órgãos públicos para combater os tipos de violência contra crianças e adolescentes que atingem os menores barra-mansenses.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escolas e violência**. Brasília: UNESCO; Universidade Católica de Brasília, Observatório de Violências nas Escolas, 2002.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos da Criança, 1959. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/quem-somos/legis/370-declaracao-universal-dos-direitos-da-crianca/1919-declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959> Acesso em 29 de junho de 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRASIL. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Lei 8069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 28 de junho de 2022.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 22 de junho de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

GUBES, Tales. O que a ONU nos ensina sobre prevenção da violência. Medium, 2017. Disponível em <https://talesgubes.medium.com/o-que-a-onu-nos-ensina-sobre-preven%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-3a467188bdd4>. Acesso em 28 de junho de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS, Melanie. A política da sociedade em rede. Medium, 2018; Disponível em <https://medium.com/@jornalismoesp2017.1/a-pol%C3%ADtica-da-sociedade-em-rede-manuel-castells-6dbe70ac1948>. Acesso em 28 de junho de 2022.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. A violência como fonte do poder totalitário: Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche. Literatura e Autoritarismo. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art_01.php. Acesso em 28 de junho de 2022.

MODENA, Maura Regina. Conceitos e formas de violência. Educus, 2016. Disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em 28 de junho de 2022.

MOURA, Iara. Guia Mídia e Direitos Humanos. São Paulo: Intervezes, 2014. 1. Ed. Disponível em <https://intervezes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Guia-Mi%C3%A7%C3%A3o-e-Direitos-Humanos-menor.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2022.

NOGUEIRA, Maria Alice.; NOGUEIRA, Claudio Marques. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação e Sociedade, Minas Gerais, n°78, p. 27 (15-35), Abril, 2002.

Os direitos das crianças e dos adolescentes e por que eles são importantes. UNICEF, 2019. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/os-direitos-das-criancas-e-dos-adolescentes-e-por-que-eles-sao-importantes>. Acesso em 28 de junho de 2022.

SESTREM, Gabriel. Cybercrimes: internet é o 5º ambiente com mais denúncias de violações contra crianças. Gazeta do Povo, 2020. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/internet-violacoes-criancas-adolescentes/>. Acesso em 28 de junho de 2022.

SOUZA, Ludmilla. Exposição excessiva de crianças em redes sociais pode causar danos. Agência Brasil, 2021. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-09/exposicao-excessiva-de-criancas-em-redes-sociais-pode-causar-danos>. Acesso em 08 de julho de 2022.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.